

CM 5.12.51
M 93
M 493 Set. 61
RN 253
DN 7.10.67

CARTA

A um jovem autor que mandou seu livro e pede minha opinião

Não, meu caro, ainda não li seu livro. Podia dizer que já tinha lido e achado interessante, e depois lhe falaria dêle com mais vagar. "Interessante" é um bom adjetivo, que a gente sempre pode aplicar a um livro que não se leu ou a um quadro que não se viu — ou a um livro ou quadro que, já lido ou visto, não nos despertou interesse nenhum ou apenas nos deixou sem vontade de dizer qualquer coisa. É um adjetivo prudente, vago e subjetivo, que tem a virtude de não dizer nada; virtude, meu velho, que não é pequena, em tempos como estes, em que se dizem tantas tolices e barbaridades sobre livros e principalmente sobre quadros.

Mas acredite que seu livro está em muito boa companhia, ficando entre as obras que ainda não li; tem a seu lado, por exemplo, 95 por cento da boa obra de Proust e, praticamente, 100 por cento da de Homero, que mais quer você? Pretendo ler todos, você, Proust, Homero, inclusive Homero Homem. Mas o diabo é que não paro muito em casa a não ser para escrever e dormir. E tenho uma estante amontoada e confusa, onde a obra "Armas e Munições de Caça" é vizinha de uma "Introduction à la Poésie Ibero-Americaine" e da peça "Venus Observed". Minha jovem secretária é sutil, levemente surrealista para arrumar os livros, e controla a minha leitura a um ponto inconcebível; muitas vezes começo a ler um livro e quando o procuro no dia seguinte vejo que êle foi engolido no caos da estante. Em seu lugar ela deixa sobre a mesa algum outro, que certamente consi-

dera mais útil para ilustrar meu espírito. Sábado comecei a reler "Sagarana"; domingo passei para a "História da Capitania de S. Vicente" e hoje notei que posso escolher entre duas obras: o "Manual do Chofer" e "Gaspard de La Nuit", que ela me selecionou, deixando o primeiro junto à rede e o segundo sobre a mesa. Minha ignorância fica dia a dia mais eclética e variada: os jovens autores que ainda me visitam, depois de muito fuçar a estante, encontram suas brochuras cuidadosamente fechadas, virgens. Passo muita vergonha!

Meus próprios livros, eu os encontro às vezes com ardentes dedicatórias a amigos, feitas quatorze meses atrás; ainda não descobri o critério que ela adota para enviar ou não. As vezes reajo, mergulho na estante, cato pacientemente um livro que desejo ler, levo-o para o quarto, escondo-o debaixo do colchão, como se fôsse uma obra imoral ou proibida; mas a secretária se entende às mil maravilhas com a arrumadeira, e já descobriu todos os esconderijos, inclusive o armário do banheiro.

Não há o que fazer. Submeto-me a seu gosto, que é extravagante; ainda não descobri porque motivo me serviu durante uma quinzena, em dias alternados, um "Manual de La História Argentina" que fiquei exausto de ler, nem porque sabota sistematicamente D. H. Lawrence e Clarice Lispector. Na última viagem que fiz, ela conseguiu colocar na minha bagagem, não sei com que estranha intenção, um livrinho de capa branca. À noite, em um horrendo quarto de hotel do interior, peguei-o resignadamente para ler: era o "Guia das Livrarias Brasileiras", editado há 12 anos atrás pelo Instituto do Livro, com endereço de tôdas as livrarias e outras informações, tais como número de livros, média diária de fregueses e número de empregados. Muito útil.

Esperemos. Talvez um dia seu livro venha à tona; estou certo de que é muito interessante. Mas é impossível saber, a respeito, a opinião de minha secretária. Adeus, vou mergulhar no "Gaspard de La Nuit".

DUAS PÁGINAS DE

Rubem

GENTE DA CIDADE



Mario Pedrosa,
crítico

Nasceu em abril de 1900 no engenho de seu avô materno em Timbauba, Pernambuco, e ainda muito pequeno foi para a capital da Paraíba, onde o pai advogava e fazia política. (Pedro da Cunha Pedrosa foi deputado à primeira Constituinte paraibana, vice-presidente do Estado, líder da Assembléia, senador federal). Mário é parente de José Lins do Rego e Odorico Tavares. Estuda no Colégio Diocesano Pio X, onde é contemporâneo de Agildo Barata; depois no Liceu Paraibano onde é mau aluno, faz gazeta para tomar banho no tanque da fábrica de gelo. Aos 13 anos o pai o manda para um famoso colégio de jesuítas da Bélgica. Vai em companhia do escritor José Vieira (mais velho) e de três outros meninos, mas ao chegarem a Portugal o escritor fica doente, vão todos para uma quinta em Viseu onde os meninos paraibanos dão o que fazer. Afinal partem para Chateau de Vidy, perto de Lausanne, estudam no Institut Kuinche, depois no Colégio Científico. Há muitos estudantes brasileiros na Suíça, e Mário, como já fizera na Paraíba, organiza um time de futebol. Fica famoso devido a um "gol" de cabeça, esmurra um seu professor suíço que jogava no time contrário, é convidado a pedir desculpas, entra em várias brigas ao lado de brasileiros, impressiona-se muito com a lealdade e ética dos suíços nas brigas, mas perde a cabeça quando o chamam de "sauvage". A guerra começou, êle é francófilo; em 1916 volta para o Brasil e vem morar no Rio, onde o pai é senador. Joga futebol e tênis no Fluminense, estuda em Itajubá, faz exames em Campos, ouve Caruso no Municipal, tem mania de música, impressiona-se com uma frase de Romain Rolland que lê em um programa de Richard Strauss (um francês elogiando um alemão!) lê muito Romain Rolland e depois assina "Clarté" de Barbusse, entra para a Faculdade de Direito, onde é colega de Lívio Xavier, Zézinho Bonifácio, Haneman Guimarães; o paraninfo da turma é Castro Rebelo, e uma frase de Platão escolhida para o quadro de formatura é escrita em grego porque parece comunista.

Frequentando o Municipal, êle fez amigos nas galerias — Murilo Mendes, Ismael Nery, Mary Houston que será sua mulher. Lembra-se da noite do Armistício, a notícia chegou no meio de uma ópera de Massenet que foi interrompida, Coelho Neto fez um discurso das torrinhas, todos cantaram a "Marselhesa", Ruy Barbosa passou pela Avenida num carro aberto. Vai de vez em quando à Paraíba, mora algum tempo em S. Paulo onde é fiscal do consumo interino e em 24 conhece Mário de Andrade e outros modernistas. Seu interesse pela música, pintura e literatura é superado pela política.

Por influência de Otávio Brandão entra para o Partido Comunista, funda uma revista, toma parte nas discussões do PC no Rio, trabalha no "Diário da Noite" com Rafael Correia de Oliveira, Plínio Barreto, Di Cavalcanti e Lívio Xavier. Em 1927 segue para um curso na Escola Leninista de Moscou, mas adocece em Berlim, liga-se ao PC alemão e nêle trabalha, ao mesmo tempo que estuda economia, filosofia e estética, visita museus e vai a con-

Goethe

A POESIA É NECESSÁRIA

O mar outrora...

DE SÉRGIO MILLIET

O mar outrora era aventura
e seduzia-me a aventura.
Que me seduz agora?

Agora o mar é um desconsôlo,
até outrora é um desconsôlo
se penso nêle agora.

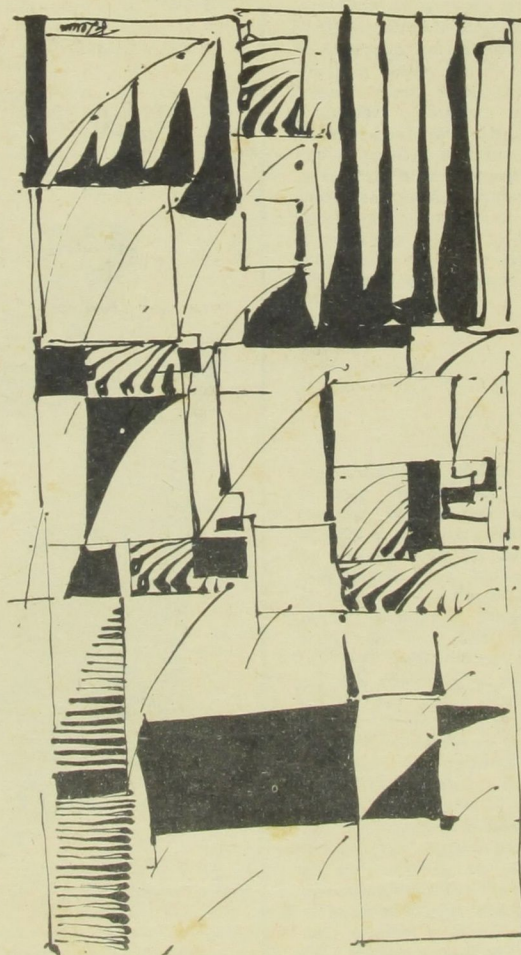
Pra viver tudo era pretexto
outrora. Um riso era pretexto.
Qual o pretexto agora?

Por que se aquieta o coração
de quem viveu do coração?
Por que se aquieta agora?

Veleiro ancorado no pôrto
já teme o mar fora do pôrto.
Quer descansar agora...

Outrora o mar era aventura,
por que tanta amargura agora?

SÉRGIO MILLIET é homem de singular importância da paisagem cultural paulista, amplamente conhecido e admirado pelos seus livros de crítica literária e artística, poesia, estudos, ensaios, novelas, histórias, sociologia. No ano passado amigos seus juntaram quinze poemas em uma edição de 150 exemplares. Aqui publicamos o último desses poemas da idade madura. Sérgio está na Suíça dando cursos de cultura brasileira.



certos. Fica lá até 29, toma parte em várias brigas com nazistas, mas é muito chocado pela expulsão de Trotski e da oposição do PC russo.

Passa alguns meses em Paris e ao chegar ao Rio faz parte de um grupo "leninista" logo banido do seio do PC, trabalha em "O Jornal". Através de Alberto Araújo entra em ligação com Prestes, vai a Buenos Aires com a missão de convencê-lo a não fundar outro Partido, pois, mesmo banidos do PC, os trotskistas são fieis a êle, lutam para reformá-lo e empolgá-lo. Discute muito com Prestes, que afinal concorda em fundar uma "Liga de Ação Revolucionária" que apoiaria o Partido; combina com êle a instalação de um jornal na fronteira do Brasil com o Uruguai. A tal Liga é afinal dissolvida pelo próprio Prestes através de um manifesto redigido por Astrogildo Pereira. Mário volta ao Rio, e por ocasião da Revolução de 30 é preso distribuindo boletins na Praça Mauá. Escreve a Prestes dizendo-lhe que êle deve vir para S. Paulo "aprofundar o movimento revolucionário", mas Prestes rompe com seu grupo e embarca para a Europa; os "leninistas" o atacam em um manifesto dizendo que no lugar de vir lutar no Brasil êle seguia para o exterior em viagem de príncipe herdeiro para na volta fazer bochinchos.

Em 1931 fica doente do peito e passa 10 meses em Campos do Jordão; em 1932 está em S. Paulo, é trançado por dois meses; é um dos fundadores da "Liga Comunista Internacionalista" que apesar de violentamente atacada pelo PC toma parte nos comícios dêste e consegue convencê-lo a uma frente única contra o integralismo, ao lado dos Socialistas e da Federação dos Sindicatos; a 7 de outubro de 34, elementos dessas organizações e também anarquistas (quase todos padeiros espanhóis) enfrentam e desbaratam os integralistas na Praça da Sé. Há mortos de ambos os lados e da Polícia; Mário é ferido ao amparar um estudante vermelho, Décio Pinto, que morreu.

Em 1935 está no Rio trabalhando na Agência Havas, ajuda clandestinamente a Aliança Nacional Libertadora e se liga a certos elementos do PCB, como Barreto Leite, que escreve a famosa carta a Prestes criticando a ANL. Com a derrota do golpe de 35 (com o qual não tinha a ver), é procurado pela polícia, esconde-se em inúmeras casas, inclusive na "garçonnière" de um amigo na avenida Niemeyer. Às vezes arrisca-se a sair pela manhã e passa o dia inteiro na Biblioteca Nacional onde nenhum "tira" jamais se lembrará de ir. Sua mulher Mary tem uma filha (hoje a bonita moça Vera, do segundo científico) mas êle só a pode ver 2 meses depois, pois a policia vigia a casa de saúde. Mário é processado; em 37, com passaporte falso, consegue embarcar para a Europa, mas a mulher é presa e levará 7 meses no cárcere.

Em 1938 Mário toma parte na fundação da Quarta Internacional; é membro de um comitê secreto de 3 membros, um dos quais some e depois aparece dentro de um saco, no Sena, com o pescoço cortado. Mário procura o outro colega de Comitê, um lituano, e se consulta com êle sobre o melhor meio de se esconder, pois a policia francesa não parece dar importância à luta entre a G.P.U. e os trotskistas. Mas logo depois o lituano também some — e a policia apura que êle era agente da G.P.U. Mário sente um frio no pescoço; mas a organização está fundada e êle vai para os Estados Unidos, onde há uma cisão dos trotskistas em face da guerra. Mário reexamina seus conhecimentos marxistas, trabalha intensamente, arranja um emprego na United Artists, depois na União Pan-Americana; Mary vai do Brasil, e se emprega como taquígrafa bilingue no Departamento de Estado, os dois vivem bem em Washington.

Em 1940 Mário volta para o Brasil, parando em muitos países do Pacífico. Atravessa a fronteira no Sul, mas no Rio é preso, e está sendo processado. A essa altura o presidente da União Pan-Americana escreve pedindo que êle e Mary voltem para Washington, pois tem falta de funcionários competentes. Com essa carta o pai de Mário consegue que êle seja libertado, desde que embarque logo. Trabalha em Washington, depois no Museu de Arte Moderna de New York. Estuda muito arte e estética, além de filosofia, publica alguns ensaios, mas se afasta da politica militante, e, com três alemães exila-

dos, faz um longo estudo de filosofia, especialmente marxista.

Conhece Otávio Mangabeira, trabalha com êle contra a Ditadura do Brasil; Paulo Bitencourt oferece-lhe uma viagem à Europa pelo "Correio", mas as autoridades americanas não lhe dão permissão de sair para a França. Volta ao Brasil para ajudar na luta contra a ditadura, vitoriosa em 45. Trabalha no "Correio", depois na sucursal do "Estado" depois na "Tribuna da Imprensa", onde faz um artigo semanal sobre politica e outro sobre arte. Funda o jornal "Vanguarda Socialista", é recusado a principio e depois aceito no Partido Socialista, mas sua paixão politica é corroída pelo tédio. Vai à Europa quatro vezes como crítico de arte, a última a serviço da Bienal de S. Paulo, escreve várias teses sobre estética, hoje é professor interino de História Geral do Pedro II e livre docente, sem exercício, da cadeira de Estética da Faculdade de Arquitetura, em cujo concurso foi derrotado. Numa das viagens à Europa fez uma notável série de entrevistas para o "Correio da Manhã" (inclusive Gide, Malraux, Camus, David Rousset, Burnaan); interessa-se pelo concretismo e pela filosofia da arte, hoje quase só lê essas coisas, além de Lógica Simbólica e Filosofia Fenomenológica de Husserl. Fez estudos sobre arte de loucos e crianças e além de dezenas de trabalhos de politica

prática e teórica, apenas mimeografados ou destruídos, publicou "Arte, necessidade Vital", "Da natureza afetiva da forma na obra de arte" e "Forma e Personalidade". Em Paris, no ano passado, fez uma conferência no Museu de Arte Moderna sobre arquitetura brasileira.

Considerado um dos homens mais inteligentes e mais cultos do Brasil, é acusado de "espírito de porco" e odiado pelos comunistas e fascistas, olhado com desconfiança por liberais, ditatorialistas e socialistas; no fundo acha que o Brasil precisa sobretudo de uma revolução (ou profunda reforma) agrária, mas não se julga em condições de fazê-la. Ocupações principais: ler e bater papo. "A coisa de que mais gosto é perder tempo". Vida recatada e serena; homem pálido, completamente distraído, meio astral, adoraria morar num sitio onde houvesse muito silêncio e muitos livros. "Sou otimista apenas graças à arte". Já estudou piano e violino, cultivava amigos velhos como Lívio Xavier, Lívio Abramo, Zé Auto, Carlos Echenique, Plínio Melo e está sempre influenciando uma nova fornada de moços artistas e intelectuais. No verão gosta de conversar deitado na praia, mas só à noite. Trata qualquer pessoa igualmente bem, acha graça das coisas nos piores momentos, e é um homem livre, tranquilamente e sem ambição nenhuma. Mora em Ipanema, com vista para a Lagoa.

